

# Os estudos clássicos na actualidade

João Manuel Nunes Torrão

Universidade de Aveiro

Pediram-me para dizer algumas palavras (poucas como convém a esta hora) sobre o Latim na actualidade<sup>1</sup>. Por minha iniciativa, alarguei o tema para *Os estudos clássicos na actualidade*, fundando-me, sobretudo, em duas razões mais relevantes: em primeiro lugar, porque esta mesa redonda se insere numa celebração de homenagem ao Professor Doutor Américo da Costa Ramalho que, como todos sabemos, sempre tem sido *peritus in utraque lingua*; a segunda tem a ver com o longo historial dos estudos clássicos em Portugal que, ao contrário do que acontece em alguns países, sempre têm mantido a par (ou, pelo menos, quase a par) o estudo do Grego e do Latim.

Ora, a situação dos Estudos Clássicos em Portugal, neste momento, é absolutamente paradoxal: por um lado (o lado bom da questão), nunca houve tanta gente e com tantas habilitações nesta área (basta recordar que, há trinta anos, quando entrei na Universidade, havia, quando muito — estou a dar alguma folga — quinze doutorados<sup>2</sup> em Estudos Clássicos em Portugal; hoje há, no mínimo, mais de sessenta<sup>3</sup> e, pelo menos mais uma dezena que, no espaço de um ou dois anos, terá, seguramente, as suas provas de doutoramento; já perdi a conta aos mestres em estudos clássicos e do número de licenciados já nem vale a pena falar); além disso, a divulgação e o bom acolhimento de temáticas clássicas nos grandes meios de comunicação nunca foi tão forte e tão evidente (traduções publicadas que são autênticos *best sellers*; entrevistas a classicistas nos mais variados meios de comunicação (televisão, rádios, jornais); referências elogiosas ao trabalho realizado neste âmbito por outros classicistas, etc., etc.); acresce ainda que a adesão de um público (especial, é certo) à ideia da existência dos estudos clássicos está

---

<sup>1</sup> Quero agradecer à comissão organizadora a honra que me foi concedida ao poder intervir nesta homenagem ao Professor Doutor Américo da Costa Ramalho. Para além da amizade com que teve a gentileza de me brindar, não posso esquecer todo o acompanhamento que me deu, nomeadamente através da orientação da minha tese de doutoramento.

<sup>2</sup> Na altura, havia apenas dois locais dedicados aos estudos clássicos (Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa) e havia também alguns professores aposentados.

<sup>3</sup> Neste momento, podemos encontrar doutorados em Estudos Clássicos, para além das Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa, (para seguir o mapa de Portugal) na Universidade do Minho, na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica em Braga, na Faculdade de Letras do Porto, na Universidade de Aveiro, na Universidade Católica, Centro de Viseu, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, na Universidade de Évora, na Universidade do Algarve e na Universidade da Madeira. Já há também doutorados fora do sistema de ensino universitário, nomeadamente no ensino secundário e em regime livre. As minhas contas apontam, neste momento (Outubro de 2006) para 66 doutorados, mas não garanto que não sejam mais.

a ser cabalmente demonstrada pelo número de assinantes da petição em favor de estudos clássicos que, para dar apenas números de referência, no dia em que completou três semanas de divulgação, superou as cinco mil assinaturas (contando, é certo, com as brincadeiras da Bota Botilde e, eventualmente, da Cinha Jardim<sup>4</sup>); por outro lado, nunca, como na actualidade, esteve tão evidente a diminuição do número de alunos a estudar Grego e Latim. De facto, no ensino secundário, o Grego é absolutamente residual e o Latim caminha a passos largos para essa situação; no ensino superior, os cursos específicos de estudos clássicos ou estão na situação de contar com vagas zero ou admitem meia dúzia de alunos<sup>5</sup> e os cursos que incluíam o estudo de disciplinas deste âmbito estão (em termos gerais) a reduzir drasticamente o número de disciplinas de estudos clássicos<sup>6</sup>.

Os que me conhecem sabem que sou um optimista; mas, com esta realidade, é possível ser optimista?

Continuo a pensar que sim, embora saiba que poderemos demorar alguns anos a recuperar. De facto, se recuarmos os mesmos trinta anos de que falei há pouco o que vamos encontrar: duas universidades com estudos clássicos, mas com entradas de meia dúzia de alunos por ano (o meu ano, logo depois do 25 de Abril, foi um autêntico fenómeno com vinte e tal entradas); as disciplinas de estudos clássicos em outros cursos praticamente reduzidas a opções facultativas (isto é, para além do percurso obrigatório): ao meu lado, houve apenas três alunos de Filologia Românica (das muitas dezenas existentes) que fizeram o primeiro e o segundo anos de Latim na Faculdade); é certo que, no ensino secundário, a situação era bastante melhor, mas o Latim já não era obrigatório para o ingresso em Filologia Românica como ficou cabalmente demonstrado em 1978/1979, quando, com a reformulação dos cursos de Letras foi necessário leccionar a disciplina de Latim I (Língua e Cultura) ao nível de iniciação. Por essa mesma altura, chegou a ser publicada e a estar em vigor uma disposição legal que, na prática, eliminava completamente o Grego do ensino secundário e deixava o Latim numa situação residual.

---

<sup>4</sup> Como quase sempre netas coisas, há alguns engraçadinhos que gostam de brincar: neste caso, apareceu a assinatura da Bota Botilde — uma figura de um programa de televisão — e a de Cinha Jardim que, pela forma como surgiu, tinha todo o aspecto de ser brincadeira. No momento em fiz uma revisão a este texto (09.10.2006) a petição tinha 8098 assinaturas.

<sup>5</sup> Para o ano lectivo de 2006/2007 foram colocados, através do contingente geral, 4 alunos em Coimbra e 3 em Lisboa.

<sup>6</sup> Veja-se o que se tem passado em quase todas as reformulações curriculares de cursos que têm a variante de Português.

Tive a sorte de fazer parte de uma delegação que se deslocou a Lisboa, ao Ministério da Educação, para contestar essa medida legal e propor alternativas. O Ministro da altura pediu que lhe fosse enviado um *memorandum* com as várias propostas existentes. Fizemos alguma batota e não as enviámos todas; deixámos uma, como último recurso (era a que nos agradava menos) para apresentar na reunião.

Na reunião, o Ministro rebateu ponto por ponto as alternativas que lhe tínhamos enviado e, quando se preparava para nos despedir, calhou ser eu a apresentar a alternativa que tínhamos guardado e que o apanhou de surpresa. Ficou de pensar no assunto. Respondeu daí a dias dizendo que aceitava a proposta que lhe tínhamos feito. Passava a ser possível, embora de forma difícil, frequentar em simultâneo Grego e Latim no ensino secundário.

A partir daí começou a época das vacas gordas: primeiro, aquilo que, na nossa gíria, designámos como o ‘fenómeno do Entroncamento’, já que, durante alguns anos, uma grande parte dos alunos que entravam para Estudos Clássicos eram provenientes dessa localidade, graças à acção intensa do casal Barata. Mas as vacas continuaram a engordar com o número de candidatos a Estudos Clássicos a aumentar de ano para ano, superando os *numeri clausi* disponíveis. As próprias Universidades chegaram a aumentar esse número para possibilitarem a admissão de mais alunos. Havia muitos alunos e cada vez mais iam aparecendo grupos de alunos muito bons. Por essa altura, começaram também os cursos de ensino com Didáctica das Línguas Clássicas e estágios supervisionados nas escolas por orientadores da universidade e das próprias escolas. Salvo algumas excepções (como em tudo na vida), foi-se formando um grupo de professores de Latim (o Grego foi-se mantendo, mas com muito menos impacto do que o Latim e, salvo um ou outro caso pontual, este tipo de formação poucas vezes realizou estágio em Grego) com grande dinamismo e bastante qualidade.

Havia, porém, um problema antigo que nunca chegou a ser resolvido: o grupo onde os professores de Latim eram colocados continuava a ser o 8.º Grupo A, supostamente de professores de Português, Latim e Grego, mas onde eram colocados professores com formações muito díspares, nomeadamente Licenciados em Estudos Portugueses, Português/Francês, Português/Inglês, Português/Alemão e até, em casos limite de que tive conhecimento, Francês/Inglês. Como tive oportunidade de dizer (e escrever) várias vezes<sup>7</sup>, este grupo era uma espécie de ‘posta restante’ do ensino de

---

<sup>7</sup> “Ante rem”: *As línguas clássicas: investigação e ensino — Actas*. Coimbra (1993), 9; “In limine”: *As línguas clássicas: investigação e ensino II — Actas*. Coimbra (1995), 12; “Saluete, amici”: *II*

línguas já que aí poderiam ir parar os docentes que não se encaixavam em mais nenhum dos grupos existentes (o facto de também não se encaixarem neste, parece que nunca foi problema).

Isto levou a que, em algumas escolas, o número de lugares do quadro do 8.º Grupo A pudesse estar completamente preenchido sem que nenhum dos professores desse grupo tivesse habilitações suficientes para leccionar Latim e Grego e, às vezes, até Português (os licenciados em Francês/Inglês não tinham no seu percurso académico uma única disciplina de Literatura ou de Linguística portuguesas e eram colocados a leccionar Português e Literatura Portuguesa).

A situação chegou a tais limites que algumas escolas, mais perto das universidades que davam formação inicial em estudos clássicos, solicitaram a abertura de núcleos de estágio para poderem garantir, atempadamente, a leccionação da disciplina de Latim através do orientador de estágio (que seria destacado — bom tempo esse em que se admitiam destacamentos para orientar estágios) e dos próprios estagiários que, naquele tempo, tinham turmas próprias<sup>8</sup>.

O que é certo é que, por todo o país, havia escolas com Latim e Grego e, quando as turmas começaram a diminuir nos grandes centros urbanos, foi fácil encontrar outras escolas, mais afastadas é certo, que continuavam a ter turmas suficientes para garantir estágios com mínimos de qualidade.

Mas, tal como as marés, tínhamos passado de uma baixa-mar para uma prolongada e viva preia-mar que, com o tempo, começou a baixar e, como acontece com as marés vivas, quase de repente, bateu no fundo rochoso. A queda foi aparatosa e dura; e foi tanto mais dura quanto se concretizou em pouco tempo: em Aveiro, a primeira Universidade pública a sentir na pele as consequências desta situação, passou-se, no espaço de quatro candidaturas ao ensino superior, do preenchimento das 30 vagas existentes para a ocupação de apenas uma das vagas e, por opção nossa, para a atribuição de vagas zero no ano seguinte ao curso tradicional e a criação de um curso novo, tipo chapéu de chuva (Línguas, Literaturas e Culturas) que, no ano seguinte, ainda aparou, qual gota perdida, um candidato ao percurso de estudos clássicos.

---

*Colóquio Clássico — Actas. Aveiro (1997) 15; “Saudação inicial”: III Colóquio Clássico — Actas. Aveiro (1999) 19*

<sup>8</sup> Como se sabe, só a título muito excepcional foram autorizados destacamentos para o ano lectivo de 2006/2007 com o objectivo de orientar estágio. Também é conhecida a alteração enorme no funcionamento dos estágios que levou à supressão de turmas próprias para os estagiários.

Já se começava a imaginar que a situação iria continuar a piorar, mas a realidade foi pior do que aquilo que se pensava. Para além do número diminuto de entradas, vieram as medidas legislativas que ameaçavam fechar os cursos que, durante três anos, tivessem menos de 30 entradas, agravadas recentemente com a ameaça de não financiamento de cursos com menos de 20 entradas<sup>9</sup>.

Chegámos, realmente, ao fundo dos fundos, para utilizar o superlativo bíblico (se a nova terminologia ainda o permitir).

Volto a perguntar: com esta realidade é possível ser optimista?

Acho que sim ou, caso contrário, não acreditamos minimamente nas nossas capacidades.

De facto, não é possível (não pode ser possível) que seja precisamente na altura em que, em Portugal, há mais pessoas formadas em estudos clássicos que estes vão acabar por ser extintos.

Não é possível (não pode ser possível) que, precisamente na altura em que os professores receberam melhor formação didáctica, acabe a possibilidade de ensinar as línguas clássicas.

Não é possível (não pode ser possível) que, numa altura em que as temáticas clássicas estão na mó de cima ao nível da recepção pelo público, acabe a possibilidade de estudar, nos textos originais, as civilizações e as literaturas gregas e latinas.

Não vai ser fácil nem rápido, mas estou absolutamente convencido de que vai ser possível. Para isso, no entanto, todos somos precisos.

Todos somos precisos para assinar e divulgar entre os nossos amigos a petição em favor dos estudos clássicos.

Todos somos precisos para de forma organizada ou informal fazer lobbie pelos estudos clássicos.

Todos somos precisos para traduzir e divulgar textos clássicos que, de uma forma ou de outra, são parte da matriz da nossa civilização ocidental.

Todos somos precisos para, com os poucos alunos que vamos tendo, mantermos a ‘chama acesa’, se possível cada vez com maior vitalidade.

Todos somos precisos para tentar conseguir, com os meios de que dispomos, uma alteração legislativa que permita aos alunos a frequência do Grego e do Latim no ensino

---

<sup>9</sup> Os cursos de estudos clássicos das Faculdade de Letras de Coimbra e de Lisboa ficaram isentos — por benesse ministerial — da exigência desse número mínimo. No entanto, pergunto eu, quando o financiamento tem por base o número de alunos, como vai ser possível, ao longo dos anos, fazer uma gestão eficaz com o número de entradas deste ano?

secundário porque, se isso for conseguido, mais ano menos ano, teremos, seguramente, alunos a quererem estudar Latim e Grego no ensino secundário (não nos esqueçamos de que, daqui a poucos anos, Portugal vai precisar de professores e não os vai ter).

Mas todos somos precisos também para, sem prescindirmos do fundamental, sermos capazes de mostrar a actualidade dos estudos clássicos aos mais diversos níveis. Não faz sentido, por exemplo, numa sociedade marcada, cada vez mais, pelo efémero e pela banalidade, não aproveitarmos coisas efémeras e banais para mostrarmos a perenidade do Grego e do Latim. Estou a referir-me, por exemplo, ao aproveitamento intensivo da ‘escola paralela’ através da utilização de nomes de produtos, empresas, instituições, não como mera motivação, mas como motivação e aprendizagem. Qual o mal de aproveitar os rebuçados *dulciora* para ensinar os comparativos de superioridade e até alguns dos valores do neutro, tanto mais que, por melhor que seja a nossa leitura do rótulo dos referidos rebuçados, aquilo continua a ser um conjunto (bastante vago) de coisas bastante doces.

Para não vos maçar mais, vou terminar: estamos — é certo — num momento particularmente crítico, mas que apresenta, em simultâneo, indicadores de sinal contrário: temos, no lado positivo, o maior grupo de massa crítica de estudos clássicos que alguma vez foi possível reunir em Portugal, mas também temos a legislação e a sensibilidade política mais negativa dos últimos anos.

Depende muito de nós (os que aqui estamos e os que estão espalhados por todo o país) o prato da balança que irá ficar mais pesado.

Assim nos saibamos organizar para adoptar as medidas mais correctas nesse sentido.